

### ***Invasão colonial “yvyopata”: a terra vai acabar***

Para impulsionarmos outro olhar e outra forma de entender e de habitar a narrativa (ore ypy) de nossa origem no mundo, através da ótica de quem nunca protagonizou sua própria voz no território compartilhado com os invasores, desde a invasão colonial como hoje é chamada pelos não indígenas do Brasil, é necessário um processo que se assemelhe ao reflorestamento da visão, é necessário enraizar no imaginário brasileiro dos ancestrais palavras-afeto e escuta de sementes de sabedoria milenar que sustentam e articulam conceitos fundacionais acerca do espaço e das relações entre humanos e não humanos, desde o Tempo de Origem. Os não indígenas chamam o Tempo de Origem de mito, mas para nós o mito não é mito, é a fonte ancestral para compreendermos como lidar com o corpo vivo da Terra, com todo o bioma brasileiro que chamamos de nossa mãe verdadeira (nhandexy Ete).

Xadalu Tupã Jekupé elabora pontes comunicacionais entre a história da sua comunidade Guarani Mbyá, transmitindo conhecimentos e memórias anteriormente circunscritos à oralidade. É a narrativa, é a memória que está associada com a continuidade e vivência do dia a dia das nossas anciãs e anciões que nos trouxeram até o presente e que nos levará ao futuro. Saberes repassados entre gerações e gerações, de acordo com a tradição oral, que são confrontados com a visão oficial da história do Brasil, abrindo os caminhos, iniciando e elevando a todos os verdadeiros ensinamentos acerca do entendimento desses corpos como território sagrado. Esta narrativa está sendo exibida através do olhar de quem luta e resiste à luta pelo território contra invasores que querem controlar e dominar nosso corpo e nosso pensamento. Essas possibilidades surgem nas obras de Xadalu Tupã Jekupé como uma estratégia de luta essencial no caminho da descolonização, considerando seu corpo como indício de uma posição histórica compartilhada por comunidades, um corpo entendido a partir de rastros de um percurso, que articula assim mundos visíveis e invisíveis, na medida em que estes deixam se revelar em determinados contextos.

Nesse sentido a curadoria proposta aqui é um esforço de replantar, no imaginário brasileiro, essas sementes de pensamento acerca da luta dos povos indígenas pelo território que compartilhamos.

Como em toda língua não falamos apenas e sim vivemos nela também, quando começamos a aprender, imaginamos que não vamos conseguir memorizar ou saber como construir corretamente uma palavra (nhe’~e ou ayvu) que significa



na língua guarani espírito, um ser, palavra, fala e aquele que movimenta a nossa força do corpo. É dessa forma que a grande maioria dos indígenas expressa o que de fato pensamos e aprendemos da dimensão da outra cultura com escuta hendu. SIGNIFICA NÃO APENAS ESCUTAR COM OUVIDO E SIM ESCUTAR COM O CORPO. Aprendemos a entender como essa outra língua nos ensina neste processo a rever e “re-imaginar” e reconhecer o mundo? Então essa curadoria pensa o território desde o chão, os corpos e os pensamentos e propõe abrir caminhos para que exista a possibilidade dos não indígenas adentrarem na forma de pensar e na história dos povos indígenas, para caminharmos juntos e chegarmos a um entendimento comum acerca da terra que compartilhamos. Nesse sentido, para nós curadores desta exposição, olhar para as obras de arte indígenas é antes de tudo “re-aprender” a se comunicar com a Terra e com os produtores deste pensamento. Para isso é necessário escutar as diversas maneiras como os povos que milenarmente habitam e cultivam estratégias de preservação da diversidade da vida destes espaços se expressam.

Aprender os métodos de preservar a diversidade da terra, humanos e não humanos, as milenares sabedorias e as seculares estratégias de resistência para defender a diversidade da vida desses espaços, esse é o desafio desta curadoria que busca transmitir para a sociedade que não tem esse conhecimento sobre nosso olhar indígena, sobre o espaço do bem comum, para o bem-estar de todos, humano e não humano, respeitando as diferenças do outro a se equilibrarem entre os mundos diversos. Xadalu Tupã Jekupé materializa as visões e inquietações, podendo considerar sua poética como uma emenda, uma reconquista de linhagens perdidas, construindo, assim, cosmologias e genealogias como proposta política de recuperação de uma consciência histórica apropriada.

As obras de artes presentes são corpos que narram suas existências e seus processos de existências, a partir do olhar de quem vive essas narrativas. O vídeo Territórios flutuantes - Antes que se apague (2021), criado em 2021 em sua residência no Instituto Inclusartiz no Rio de Janeiro, foi desenvolvido a partir do retorno ao seu local de origem, à beira do rio Ibirapuitã, onde foram criadas múltiplas temporalidades que se chocam, entrecruzando os costumes da população gaúcha e os regimes de apagamento da cultura indígena. Em um plano fixo, o vídeo evoca as memórias diante do fluxo das águas que correm na antiga terra Araranguá. Opondo-se ao evanescimento de elementos ancestrais constitutivos das genealogias matrilineares, a imagem da bisavó é acompanhada pela oralidade de sua avó que rememora episódios ocorridos nos anos de 1940, vivenciados por sua trisavó.

Compor esse novo olhar, acerca do território comum, não é e não pode ser uma



tentativa isolada dos povos indígenas, seja através da ocupação com cantos e danças dos museus, galerias ou mesmo pelos cantos e danças dos “xapiris”, “ijás”, dos protetores das florestas seja ainda na comunicação dos gentes-pedra, através dos mbaraka mirim e da fumaça, seja caminhando leve pela bruma, é tempo de voltarmos nossas cosmopercepções para o que é comum a todos nós, o corpo da mãe de todos, a Terra. Portanto, território na percepção indígena não é um elemento que vive separadamente do seu corpo, do seu movimento e da sua caminhada. Nesse sentido é muito importante esse conjunto desses elementos dos seres da terra, humano e não humano, para questões de saúde, continuidade do seu conhecimento, para manter sua forma de ensino e aprendizagem. Planeta terra (ywy rupa) é visto como partes do seu corpo.

Por essa razão, quando se trata de transmitir palavras para outros sempre é uma forma serena e criativa que pretende dialogar com os não indígenas. Nesse aspecto em que as populações indígenas sempre mantiveram a resistência da floresta, são todos, todos os biomas brasileiros em pé antes da invasão.